



MEMÓRIA / FATOS / PODER / PERTENCIMENTO

KATERINA SINADINOVSKA O 4º PODER DA MACEDÔNIA DO NORTE

JORNALISTA · DEFENSORA DA MÍDIA
· FUNDADORA, PROMEDIA

Uma conversa com uma das vozes mais poderosas da mídia na Macedônia do Norte — sobre deslocamento, apego aos fatos quando a realidade se fratura e a insistência de que a vida pública ainda responda à coragem.

ENTREVISTA POR PATRIC BERJEAUT KIN INSTITUTE

TESSALÔNICA / SKOPJE / JUNHO 2026

Estávamos na mesma cidade, no mesmo hotel, no mesmo dia. E ainda assim, por uma sequência de pequenos fatores que agora parecem quase teatrais, perdemos por pouco a chance de nos encontrar. Lamentei imediatamente. Katerina não é alguém que se perde casualmente.

No Brasil, de onde eu venho, costumamos dizer: Deus sabe o que faz. Então, confiando nisso, enviei as perguntas por e-mail. Menos de vinte e quatro horas depois, a resposta chegou, acompanhada de uma mensagem de tamanha delicadeza e atenção que me fez parar por um instante.

Minha primeira reação foi simples: por que uma mulher tão ocupada, tão influente e tão profundamente implicada na vida do seu país escolheria dedicar tempo ao Kin Institute, uma iniciativa que ela sequer conhecia dois dias antes? Mas, à medida que eu lia suas palavras, a pergunta foi se dissolvendo. O que ficou foi o reconhecimento de uma clareza rara: a compreensão de que coração, cérebro e ação podem, de fato, mudar tudo.

O que vem a seguir começa com sua carta e se desdobra numa conversa sobre verdade, deslocamento, pertencimento e coragem democrática. É a voz de alguém que viveu a história não como abstração, mas como uma força capaz de reorganizar uma vida. E também a voz de uma mulher que ajuda a moldar o futuro da Macedônia do Norte com precisão, humanidade e firmeza.

NOTA EDITORIAL

A história começa na intimidade, mas suas implicações são públicas: instituições, migração, evidência, identidade e o preço de se recusar ao silêncio.



RETRATO PRÓXIMO / NOTA DO EDITOR

Caro Patric,

Obrigada por estas perguntas tão sensíveis e pela generosidade da sua introdução. Obrigada por me convidar a revisitar partes da minha história sobre as quais eu não costumo falar. Respondê-las pareceu menos uma entrevista e mais a continuação da conversa que começamos em Skopje.

Algumas perguntas me levaram muitos anos para trás; outras me fizeram refletir sobre temas nos quais penso quase todos os dias. Por isso, sou especialmente grata.

Espero que você encontre, nas respostas, algo à altura do cuidado e da curiosidade com que as perguntas foram feitas.

**Com carinho,
Katerina**



RETRATO INTERNO / COMPOSTURA, PRESENÇA, CONTROLE

HISTÓRIA PESSOAL / PERTENCIMENTO

03



UM REGISTRO PRIVADO SOB UMA VIDA
PÚBLICA

VOCÊ NOS CONTOU QUE FOI REFUGIADA A APENAS 40 QUILÔMETROS DE CASA. COMO EXPLICAR A ALGUÉM QUE NUNCA VIVEU ISSO A SENSAÇÃO DE SER ESTRANGEIRA NO PRÓPRIO PAÍS?

O estranho em se tornar refugiada a 40 quilômetros de casa é que nada ao redor parece realmente distante. A língua é a mesma. A comida é a mesma. A paisagem é familiar. E, ainda assim, tudo aquilo que lhe dava segurança, rotina e pertencimento foi arrancado.

Você está cercada pelo familiar, mas já não pertence a ele. Talvez essa seja a parte mais desorientadora. A distância não é apenas geográfica. É também a distância entre quem você era e quem é obrigada a se tornar de um dia para o outro.

Eu tinha 14 anos. Não entendia por completo o que estava acontecendo. Eu só sabia que precisávamos partir, que não podíamos voltar e que a vida que conhecíamos simplesmente havia parado. Essa sensação — a de estar presente, mas não pertencer — permanece por muito tempo.

CITAÇÃO

**“Ninguém pode tirar
os fatos de você.”**

VOCÊ VIVEU CONFLITOS NOS QUAIS GRUPOS DIFERENTES CONTAVAM VERSÕES DIFERENTES DA MESMA REALIDADE. FOI NESSE AMBIENTE DE NARRATIVAS CONCORRENTES QUE NASCEU O SEU COMPROMISSO COM OS FATOS E COM A VERDADE?

Acho que sim, embora eu só tenha entendido isso anos depois. Crescendo em meio a um conflito, você percebe muito rapidamente que pessoas podem olhar para o mesmo acontecimento e descrever realidades completamente diferentes. Cada um tem a sua versão, a sua verdade, a sua explicação.

Como jornalista, passei a ser fascinada por uma pergunta: o que, de fato, aconteceu? Não o que as pessoas queriam acreditar, não o que servia a uma narrativa específica, mas o que a evidência mostrava. Essa obsessão pelos fatos nasceu num contexto em que os fatos eram constantemente contestados, distorcidos ou ignorados. Tornou-se a minha âncora.

EIXO EDITORIAL

Os fatos deixam de ser apenas uma ferramenta profissional e se tornam forma de orientação — um modo de continuar de pé quando a própria realidade está em disputa.

CAMPO

Aqui, o jornalismo não é uma profissão decorativa. É uma disciplina de memória pública.

Não o que as pessoas queriam acreditar. Não o que servia a uma narrativa. O que a evidência mostrava.

SOBRE LIBERDADE DE IMPRENSA, MIGRAÇÃO E PERTENCIMENTO

05

FIGURA PÚBLICA



PAINEL PÚBLICO / VOZ / PRESSÃO INSTITUCIONAL

VOCÊ LIDEROU A PROMEDIA POR DOIS MANDATOS. O QUE SIGNIFICA DEFENDER A LIBERDADE DE IMPRENSA EM UM PAÍS QUE AINDA ESTÁ CONSOLIDANDO A SUA DEMOCRACIA?

Significa trabalhar num espaço em que as regras nem sempre são claras e as pressões são muito reais. Liberdade de imprensa, numa democracia jovem, não diz respeito apenas às leis no papel. Diz respeito a saber se jornalistas conseguem, de fato, fazer seu trabalho sem medo de pressão econômica, interferência política ou risco pessoal.

Durante meu tempo na Promedia, atuamos em muitas frentes — proteção jurídica, padrões profissionais, educação midiática, diálogo com instituições. Mas talvez o mais importante tenha sido simplesmente estar presente. Mostrar que existe uma organização que leva isso a sério, que se manifesta, que não se cala quando jornalistas são ameaçados ou quando a independência editorial é comprometida. Essa presença importa enormemente.

PONTOS DE PRESSÃO

Pressão econômica / Interferência política / Risco pessoal / Independência editorial / Responsabilidade pública

CITAÇÃO

“A verdadeira questão não é por que eles partem. A verdadeira questão é se o país pode se tornar um lugar para o qual eles voltariam com prazer.”

A MACEDÔNIA DO NORTE TEM UMA DAS MAIORES TAXAS DE EMIGRAÇÃO DA EUROPA. COMO VOCÊ LÊ ESSA FUGA DE CÉREBROS — E O QUE ELA SIGNIFICA PARA O FUTURO DO PAÍS?

PERTENCIMENTO

Voltar, nesta conversa, não é nostalgia. Depende de

06

SOBRE IDENTIDADE, RELIGIÃO E TRÁFICO

DURANTE A MINHA VISITA À MACEDÔNIA DO NORTE, FIQUEI PROFUNDAMENTE IMPRESSIONADO COM A CONVIVÊNCIA VISÍVEL DE DIFERENTES TRADIÇÕES RELIGIOSAS. QUAL É O PAPEL DA RELIGIÃO HOJE NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DAS COMUNIDADES DO PAÍS?

A religião continua sendo uma parte importante da identidade para muitas comunidades na Macedônia do Norte, mas o seu papel costuma ser mais cultural do que político. Para muita gente, as tradições religiosas estão entrelaçadas à história familiar, aos costumes locais e a um senso de pertencimento.

Igrejas e mesquitas não são apenas lugares de culto; são também marcadores de comunidade e continuidade. O desafio de toda sociedade diversa é fazer com que essas identidades se enriqueçam mutuamente, em vez de competirem entre si.

EXISTE PREOCUPAÇÃO COM O TRÁFICO HUMANO OU COM A EXPLORAÇÃO DE MIGRANTES NA REGIÃO?

Sim — e é uma preocupação séria. Os Balcãs continuam fazendo parte de rotas migratórias importantes que conectam diferentes regiões do mundo. Sempre que pessoas vulneráveis estão em deslocamento, existe o risco de que redes criminosas tentem explorá-las.

O tráfico humano não é apenas uma questão migratória. É também uma questão de direitos humanos. Enfrentar esse problema exige cooperação entre instituições, organizações da sociedade civil, parceiros internacionais e comunidades locais. Nenhum país consegue enfrentá-lo sozinho.




RETRATO MODERNO / IDENTIDADE, POSTURA, CLAREZA PÚBLICA

CONTEXTO

Comunidade, continuidade e vulnerabilidade atravessam esta seção — da identidade religiosa aos riscos enfrentados por quem está em trânsito.

Uma vida pública poderosa, ancorada nos fatos, permanece inseparável da memória privada do deslocamento.



**ESTAMOS ENCERRANDO ESTA ENTREVISTA
— UMA CONVERSA QUE MERECERIA
OUTRAS CEM PERGUNTAS —, MAS NÃO
POSSO DEIXAR VOCÊ IR SEM PERGUNTAR:
SE AQUELA MENINA DE 14 ANOS QUE
CHEGOU A SKOPJE PUDESSE VER A
MULHER QUE VOCÊ SE TORNOU, O QUE
DIRIA?**

“Chegamos lá, baby !”